

29
Dezembro
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE
N.º 932

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SEculo»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SEculo, 40 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

Bordados e Mobílias
DA ILHA DA MADEIRA
PEROLA DO ATLANTICO
Rua do Loreto, 67

A'S MÃES QUE GUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Gister, unico alimen-
to completo e que, pelo seu es-
merado fabrico aliado a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A' venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir amostras aos depositarios:

BORGES MARQUES & C. Lda

R. ARCO BANDEIRA, 159

Maquinas de escrever
NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
J. Anão & C., Ltd. R. Figueiros,
376, 2. — Tel. 3536 N.

Casa Adão

CHAS, CAFÉS, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MA-
DEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem.

—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º—

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Lêr o proximo numero do SUPLEMENTO de

MODAS & BORDADOS

Bebam

AGUA

DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

DOENÇAS

De estômago, baço, fígado e intestinos; artríticas,
nervosas e mentais; de ovários e útero e
rins descaídos; por mais graves e antigas que se-
jam, *responsabilizo-me da sua cura*, evi-
lando as operações, por meio dos meus especiais
tratamentos *natur-o-sico-magneto-terápi-
os*, com a *completa* exclusão de medicamentos
ou drogas

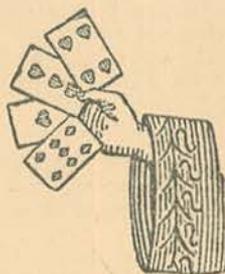
Dr. Indíveri Colucci

Rua João Gonçalves, 20, 2.º Esq.

Esquina Avenida Almirante Reis ao Intendente
TELEFONE, 2.733-N

M. ME VIRGINIA

CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

**Garantia a todos os
meus clientes:** com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.
Consultas todos os
dias v'eis das 12 as 22
horas e por corres-
pondencia. En via r
1\$00 para resposta da
carta

**Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º Esq.,**
(Cimo da rua da Ale-
gria, predio esquina).

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE
Livraria Península
JOSE' DA SILVA OLIVEIRA
79, Rua Poço dos Negros, 79
LISBOA — PORTUGAL

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

Fornecedores dos Restaurantes
da Companhia dos Wagons-Lits

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (L.ª), Ltd.ª

60, RUA DA BITESGA, 78

(Primeiro quartelão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pastéis de Belem
e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861



TODOS OS SPORTS

O MAIOR acontecimento desportivo da semana que findou foi a visita a Lisboa do forte *club* austriaco, do *Sportklub Rapid*, campeão da Austria na passada época de *foot-ball*.

Este grupo encontrou-se na sua primeira exhibição com o Sport Lisboa e Benfica, o qual venceu por 2-1. O jogo desenvolvido neste desafio agradou-nos, pois os austriacos atacaram bem as redes do Benfica onde o trabalho da defesa sobressaiu.

A linha de ataque do grupo portuguez fraquejou bastante, notando-se falta de coesão e de entusiasmo.

Os austriacos demonstraram possuir grandes conhecimentos de tecnica do bom *association* e estar bem treinados.

Por outro lado é um *team* forte, o *Sportklub Rapid*, cujos jogadores provam, facilmente, a cuidada preparação atlética que possuem.

O ataque austriaco é bastante scientifico, todo baseado em passes curtos, auxiliado por um magnifico jogo de cabeça, os avançados dominam bem a bola e rematam fortissimo com muito boa direcção.

Na linha de meia-defesa sobressai o centro, um verdadeiro jogador de grande categoria, conhecedor a fundo do *foot-ball*, distribuindo optimamente o jogo.

Os defesas são os melhores que em grupos estrangeiros, ultimamente, tem jogado entre nós, e o guarda-redes, se bem que defendendo com um estilo muito especial, é dotado de grande energia e coragem.

Do Benfica temos que elogiar o trabalho de Francisco Vieira, Artur Augusto e Pimenta.

O que foi o encontro realizado com o Sporting só no nosso proximo numero podemos relatar, pois escrevemos estas linhas antes da realização do referido jogo.

Não queremos, no entanto, deixar de louvar a iniciativa do Sporting Club de Portugal, Sport Lisboa e Benfica e Casa Pia Atletico Club, convidando o *Sportklub Rapid* para jogar entre nós, facto com que o *foot-ball* nacional, sem duvida, muito lucra.

Tambem foram annunciadas as visitas do nosso conhecido *Nuselsky* e do *Sparta*, de Praga, convidados pelo Sport Lisboa e Benfica e Sporting Club de Portugal, e que, certamente, nos vão proporcionar belas tardes de bom *association*.

— Nos jogos realizados no ultimo domingo ficaram victoriosos os grupos do Portugal e do Carcavelinhos, que bateram, respectivamente, o Internacional e o Victoria, por 3-0 e 1-0.

O Internacional jogou nessa tarde o seu ultimo desafio desta época, pois a direcção do club de Sete Rios deliberou que o seu primeiro grupo abandonasse a disputa do campeonato, em virtude da má forma em que se encontra, e da pouca *chance* com que tem jogado, lhe terem obtido uma situação que de maneira alguma pode condizer com o magnifico passado do velho club, em *foot-ball*.

O jogo não despertou interesse, tendo terminado a primeira parte com o resultado 1-0, a favor do Portugal. Na segunda parte o Internacional teve que substi-

tuir, nas suas rédes, Pimenta, maguado ao efectuar uma defesa, por Pimentel.

O Portugal conseguiu, então, mais duas bolas, pelo que o resultado final foi 3-0, a favor deste club.

O encontro Victoria-Carcavelinhos foi mais movimentado que o primeiro, havendo mesmo algumas boas fases de jogo.

O resultado não correspondeu ao jogo desenvolvido pois o Victoria dominou mais, tendo, por vezes, avançadas muito bem conduzidas.

A bola que deu a victoria ao Carcavelinhos derivou dum mau encaixe de Viegas, pouco antes de terminar a primeira parte.

Durante o segundo tempo o dominio do grupo de Setubal foi nítido, obrigando o Carcavelinhos a uma defesa energica.

O Victoria não aproveitou a marcação dum grande penalidade para estabelecer o empate, terminando o encontro com o resultado 1-0 a favor do Carcavelinhos.

— Com a assistencia do sr. Presidente da Republica efectuou-se, no passado domingo, no salão da *Ilustração Portuguesa*, a distribuição de prémios da União Velocipedica Portuguesa, referentes ás varias provas realizadas na época transata.

A presidencia da mesa foi dada ao sr. Teixeira Gomes, secretariado pelos srs. Alvaro de Lacerda, sócio fundador da União Velocipedica, e Mendes Arnaut, presidente da direcção da U. W. P.

Depois de aberta a sessão pelo sr. Alvaro de Lacerda em nome do Chefe do Estado, e daquele senhor ter feito varias referencias ao trabalho da União, durante os seus vinte e quatro anos de existencia, usou da palavra o sr. dr. José Pontes, que se referiu á protecção dada pelo chefe do Estado ao desporto nacional.

O sr. Teixeira Gomes respondeu, agradecendo as referencias feitas pelo sr. Alvaro de Lacerda e dr. José Pontes, iniciando depois a distribuição dos prémios aos vencedores.

— Nos *courts* do Sporting Club de Portugal, realizaram-se tambem, no passado domingo, as ultimas partidas para a disputa do campeonato de Portugal de *tennis*, verificando-se os seguintes resultados:

Men's singles — António Casanovas venceu João Pinto Coelho por 6-2, 6-0 e 6-0.

Men's doubles — Antonio Casanovas e D. José Verda venceram João Pinto Coelho e Frederico de Vasconcelos por 6-3, 7-9, 2-6 e 6-3.

— O Gimnasio Club Portuguez organiso, no passado dia vinte e dois, na vasta sala da sua sede, um sarau desportivo, ao qual assistiu o sr. Presidente da Republica e que decorreu brilhantissimo. Os trabalhos apresentados por amadores, socios do antigo club da rua Serpa Pinto, foram executados com extraordinaria correcção, sendo por isso muito applaudidos.

A festa terminou com baile que se prolongou até de manhã.

D. C.

Silva Poetica

OUTONO

CAEM folhas no parque abandonado,
Com o leve murmúrio duma prece...
Porque está o teu rosto desmaiado?
E o teu labio, meu bem, porque emudece?

Castelo de ilusões—desmoronado...
Venturas, ideais, tudo perece.
Aqui floriu, morreu, nosso noivado.
E' recordá-lo, amor, que te entristece?

E as folhas caem sobre nós, de leve,
Juncando o chão, que o vento varre em breve,
Levando-as para a morte, ao abandono...

Que é da alegria á nossa volta, amor?
A ternura, o desejo, o nosso ardor?
Tu bem o adivinhas, chega o outono...

VIEIRA—NOVEMBRO DE 1923.

JULIO VALFLOR.



ANO NOVO

Porque será o Ano Novo esperado sempre com tanta ansiedade? Porque se prepararão festas e diversões para expulsar o Ano Velho e receber efusivamente esse Desconhecido que vem entrar na nossa vida?

Quanto a mim, a minha alma espera, enrodilhada e triste, a chegada desse intruso que lhe vem trazer novas tristezas, talvez maiores do que as que já tem, e novas alegrias que a tirarão da doce quietude em que a embalam as que a acompanharam, como boas amigas, durante o ano que passou.

A minha alma é tímida e receia a novidade. A minha alma é grata e afeiçãoou-se ao seu companheiro constante de 365 dias, o qual se, por vezes, franza os sobr'olhos, cobrindo de tristeza a nevoa a sua vida, também lhe secara frequentemente as lágrimas com sorrisos e dadiças. Este, que já bate apressado à porta, quem é e que traz?

Dizem que são gemeos e que, portanto, pouca diferença farão. Ah, a Alegria e a Tristeza são também gémeas... e, no entanto, desejamos furiosamente uma e fugimos apavorados da outra.

Mas, a Tradição ordena que revistamos fatos alegres e vistosos, envolvendo-nos no manto da Esperança.

Obedeço, e eis-me, pois, saudando alegremente o Ano Novo; mas, cuidado, não me afastem esse manto, não vá o Recm-chegado ver que, sob o traço de Esperança, trago a túnica da Saudade!

MENUS DA SEMANA

Domin2o

Almoço

Dobrada grelhada
com pão ralado
Ovos escalfados
com molho de vinho
Cacau

Jantar

Sopa de castanhas
Linguas recheadas
Frango corado com
salada de chicoria
Croquetes de nata

Segunda-feira

Almoço

Tordos au gratin
Tímale de macarrão
Café ou chá

Jantar

Sopa de coelho
Peixe agulha à tartara
Perna de carneiro
estufada
Tigeladas de queijo

Terça-feira

Réveillon

Canja
Carnes frias, mayon-
naise, etc.
Pa-telão de caça
Peixe recheado
Purê de maçã
Carne de porco
Bróas, sonhos e outros
doces

Almoço

Filetes de frango
à Bechamel
Bifes à portuguesa
Omelete de chicoria
Chocolate com bolos
secos

Jantar

Sopa de perdiz
Lagosta à inglesa
Lingua com queijo
parmesão
Charreusse de perdizes
Creme meringado

BIBLIOTECA DO LAR

Lembrou-me que, talvez, fosse útil, nesta época de presentes, citar aqui alguns nomes de livros — próprios para creanças, para gente nova e para gente crescida.

Eis uma serie deles, que me parecem dever servir para o fim indicado:

Creanças de 8 a 12 anos:

Gente de palmo e meio,
de Augusto Gil.

Contos infantis, em verso
e prosa, de D. Julia Lopes
de Almeida e D. Adelina
Vieira.

Em pleno azul, A fada
tentadora, Lições de An-

dré, Pela terra e pelo ar, de D. Virginia de Castro e Almeida.

Portugal para os pequeninos, de D. Maria Paula de Azevedo.

Para meninas de 12 a 17 anos:

Quatro raparigas, Alguns anos depois, de D. Maria Paula de Azevedo.

O vestidinho de lã, de Henry Bordeaux (tradução do francez).

O segredo terrível, O rasto da serpente, de Braddon (tradução do ingles).

Para senhoras de 17 a 22 anos:

Le roman des quatre, de Paul Bourget, Pierre Benoit, Gerard de Houville e Henry Duvernois.

Reine ou esclave, de Dely.

O filho prodigo, de Hall Caime.

Desventurado amor, Ressurreição, de Rui Chianca.

Contos, de D. João da Camara.

O PAPA PIO XI

Pio XI é um Papa muito simpatico para os que teem um espirito verdadeiramente cristão.

Muito bom, muito inteligente, tem, ao mesmo tempo, rasgos de simplicidade que recordam a Igreja primitiva. Ha tempo, os guardas do Vaticano viram chegar ás portas do palacio pontificio uns visitantes trajando fatos estranhos e que pareciam voltar duma longa viagem.

Solicitaram a honra de serem recebidos em audiencia pelo Santo Padre e explicaram que, tendo feito a ascensão do Etna e sendo o Papa um fervente alpinista e ascencionista, estavam certos se interessaria por os ouvir e os receberia.

Passou-se tudo como tinham previsto.

O Sumo Pontifice concedeu-lhes audiencia, acolheu-os amavelmente e mostrou-se muito penalizado por já os não poder acompanhar como fazia antigamente.

Mas, com certeza o mestre de cerimonias do Vaticano não voltou ainda a si da emoção que o fazia exclamar, compungido, que nunca havia visto peregrinos tão mal vestidos.

Talvez o ajudasse a recuperar o sangue frio o recordar estas palavras do Divino Mestre:

«Sede simples como pombas.»

«Bemaventurados os humildes de coração porque deles será o reino dos ceus.»

Mas, as palavras do Divino Mestre andam tão esquecidas!

TRABALHOS EM ESTANHO

Os trabalhos em estanho encontram um vasto campo de utilidade na decoração do lar.

Obeem-se efeitos excessivamente bonitos guarne-

Quarta-feira

Almoço

Carne com molho
Beterrabas com herbas
finas

Café com leite

Jantar

Sopa de puré
de tomates
Mdosinhos de carneiro
de fricassé
Carne de porco
grelhada à moda
burguesa
Palitos de amendoa

Quinta-feira

Almoço

Arroz com salsichas
Talhaças de vitela
Chá ou café

Jantar

Sopa de aletria
à la Bordetaise
Carne cozida
com arroz de sustancia
Carne assada
com salada de chicoria
Murcetas doces
brancas

Sexta-feira

Almoço

Enguias de caldeirada
Carne de vaca
au gratin
Cacau

Jantar

Sopa Raspail
Empada quente
de peixe
Roshife com cebolas
em glacé
Pudim de farinha
de milho

Sabado

Almoço

Feijão branco
com chouriço
Costeletas de carneiro
com salada de batatas

Jantar

Culdo de vitela
com lasanha
Viteela cozida com molho
de farinha torrada
Lombo falso e couves
Doce de abobora
moganga

CALENDRARIO DA SEMANA

Dezembro — 31 dias

- 30 — Domingo — S. Sabino. S. Hilario.
31 — Segunda-feira — S. Silvestre.

Janeiro — 31 dias

- 1 — Terça-feira — Circumcisão do Senhor.
2 — Quarta-feira — S. Isidoro. S. Basilio.
3 — Quinta-feira — S. Antero. S. Aprigio.
4 — Sexta-feira — S. Gregorio. S. Eugenio.
5 — Sabado — S. Simão Estelita.

cendo madeira, zinco, couro ou vidro, com ornamentações de estanho. Sobre vidro, especialmente, o estanho fica lindo, e aos trabalhos de arte aplicada dá muitas oportunidades para se roduzirem lindos objectos.

Vemos, na nossa gravura, alguns exemplares deste trabalho. O vaso, de alabastro azul, é decorado a folhas de vinha, de estanho. O candelabro, proprio para casa de entrada, é todo coberto de estanho trabalhado.

O desenho é em pinheiros e, nas tiras de metal que prendem a seda cõr de laranja do quebra-luz, encrustam-se pedras azues, imitando torquezas.

O cobre, que tão gracioso é, é de estilo gotico, mostrando, os lados, uma reprodução das carrancas da catedral de Nossa Senhora de Paris.

Ha livros que tratam detalhadamente da arte de modelar o estanho; contudo, eu darei aqui umas indicações resumidas, faltando-me o espaço para me estender sobre o assunto.

As tres ferramentas imprescindiveis são: o ferro de traçar, o modelador e a lamina.

A operadora coloca o estanho sobre um bocado de oleado, que deve estar, por seu turno, sobre uma superficie lisa e dura, um vidro, por exemplo; quando se estiverem dando os ultimos toques, substitue-se o feltro por oleado.

Dá-se uma solução especial ao estanho para remover a gordura que ele exsuda, passando-lhe depois por cima um preparo que dá sombra ou cõr ao desenho. Volta-se então o



estanho e enchem-se de qualquer massa as partes que se cavaram, para lhes conservar o relevo. Para impedir que o metal fique baço, puxa-se-lhe o lustro com pó.

Para pegar o estanho ao vidro é preciso um grude muito forte; quando o metal é aplicado á madeira ou outras substancias, pega-se com pregos.

Querendo abrilhantar o efeito do trabalho, encrustam-se pedras de diferentes côres, fazendo um pequeno orificio no metal e enchendo-o, pelo lado de traz, de massa, para conservar a pedra em posição.

RESOLUÇÕES DO RAPAZ ELEGANTE PARA O ANO NOVO

Trabalhar cada vez menos, e descansar cada vez mais.

Nunca ceder á tentação de sair da cama antes do meio dia.

Dedicar vinte e duas horas por dia a dizer futilidades e guardar duas para estudar as que hão de ser servidas no dia seguinte.

Limpar todas as esquinas do Chiado e rua do Ouro com as costas.

Ir a todas as recitas da Moda.

Lêr todos os livros apprehendidos.

Empurrar sempre as senhoras á entrada dos carros e nunca lhes ceder o logar.

Sacrificar quanto possível o conforto de outrem ao seu.

Relacionar-se cada vez mais com gente rica.

Pagar as dividas com promessas e guardar o dinheiro.

Tornar-se cada vez mais sceptico e efeminado.

Escrever um mau livro de versos.

RESPOSTAS AO NOSSO INQUERITO

Eu saía de casa mas, primeiro, havia de lhe rogar muitas, muitas pragas. Só assim me sentiria satisfeita.

Uma vingativa

Ficava, não para lutar, mas para lhe tornar a vida um inferno.

Uma mulher

Dizia-lhe que tinha ouvido a sua conversa. Deixava-lhe plena liberdade mas, antes de me ir embora, dizia-lhe que, se um dia visse que a felicidade não estava onde julgava e que mais uma vez se enganara, voltasse para mim.

Uma constante

Lutava. Lutava pela meiguice, pelo amor, pela ternura. Envolvia-o no meu amor de maneira a sufocar-lhe a memoria, a fazer-lhe esquecer.

Uma corajosa

Fugia... e esperava.

J. G.

PARA PERFUMAR O PAPEL DE CARTAS

Estou certa que esta formula para perfumar o papel agradará a toda a mulher elegante e requintada, porque é delicioso enviar uma carta subtilmente perfumada, parece que é um pouco da nossa alma que vai ao encontro de quem a lê. E não dá muito trabalho a alcançar esse prazer. Arranja-se uma caixa de lata, onde caibam as folhas de papel e os envelopes, e espalha-se, por entre eles, qualquer perfume em pó, alfazema, sandalo, iris. Fecha-se bem a lata, que se guarda em sitio quente; ao fim de dois ou tres dias, o papel fica perfumadissimo.

Quem desejar usar o seu perfume especial, deita algumas gotas de essencia predilecta entre camadas espessas de algodão em rama e coloca-as na mesma caixa do papel, seguindo o processo já ensinado.

PENSAMENTOS

O espectáculo do mundo seria de uma monotonia apavorante para quem não tivesse afeições.

Fontenelle

O desdem pela razão, o brilhante elogio da loucura, o amor desordenado ao paradoxo preparam grandes revezes á perfeita sabedoria, que foge de todo o exagero.

Renan

O homem nunca é original: é sempre copia dos que desapareceram e, os que vierem daqui a seculos, terão a mesma apparencia, o mesmo modo de sentir, os mesmos pensamentos que nós e a morte os aniquilará tambem...

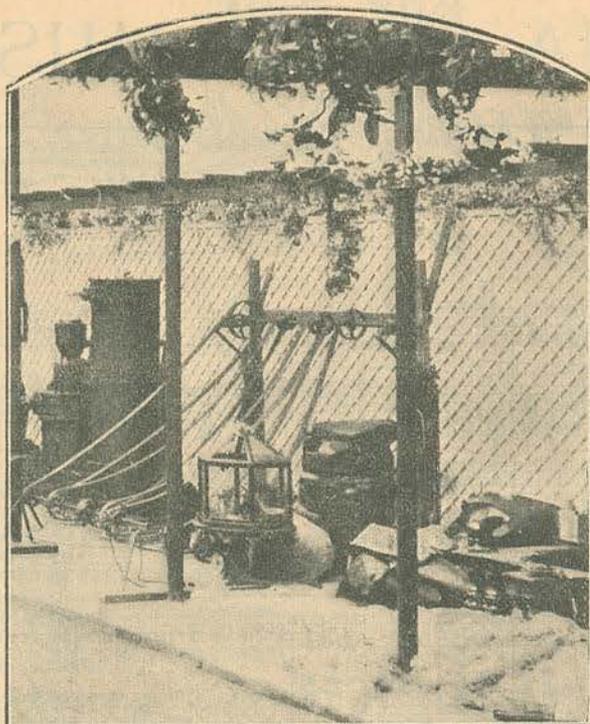
Henri Heine

Fabrica de correias de transmissão

*Fabrico Nacional
garantido, superior
ao estrangeiro e preços sem
competencia*

Grande Premio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-23

**Gaspar R. Cardoso
& C.^a, Suc.**



Stand na Exposição do Rio de Janeiro

Escritorios e armazem
Telef. 657

R. de Santo Ildefonso,
39.43—PORTO

Deposito em Lisboa

Telef.—C. 2498

R. da Padaria, 7 e 28
LISBOA

Endereço telegrafico Geral

Cabedal—PORTO

Codigos—A. B. C.
5.^a edição RIBEIRO

Artigos proprios para brinde do NATAL E ANO BOM

Encontra-se maior sortido em caixas de 1/2 duzia e duzia VINHOS DO PORTO e MADEIRA das antigas e acreditadas casas

Ferreirinha da Regoa
e F. F. Ferraz & C.^a, L.^{da}

Champagnes e Licôres Nacionaes e Estrangeiros
Especialidade em Chás e Cafés

CASA ADÃO

RUA DOS RETROZEIROS, 76-78 — TELEFONE C-1566

O QUE FAZ O COSTUME...



MADAME Naquette, muito animada, conversa com Madalena, sua filha.

Madalena desenhou no ar um gesto de resolução:

- Mãe, amo-o!
- Ora, tu sabes lá!
- Como! Não sei! São coisas que se sentem bem...
- E's uma rapariga solteira...
- Tenho vinte e seis anos!

—Mas és muito mais nova do que a tua idade. Depois, a imaginação das raparigas sem experiencia, enganava-as tantas vezes!

—Estou segura de mim.

—E tens a certeza de que esse tal Gérardo Nageur te ama também?

—Sim, mãe.

—Eu, minha filha, declaro-te que nunca me encarregaria de fazer a felicidade de um senhor divorciado. E' peor do que casar com um viuvo.

—Porquê, mãe?

—Porque os laços de casamento de um viuvo foram desatados por uma força maior. Pode tratar-se de um excelente homem atingido pela desgraça; posso acreditar no seu bom coração, no seu caracter, na sua superioridade, enquanto que um divorciado...

—Tu sabes muito bem que Gérardo não fez mal... Todas as culpas estão do lado daquela Odette que o tornou extremamente desgraçado.

—Não foi isso o que se disse no julgamento.

—Ah! sim, o julgamento! respondeu Madalena com vivacidade. Não vaes censurar Gérardo, parece-me, por ter nobremente assumido a responsabilidade de erros imaginarios, a fim de não comprometer a reputação de uma mulher que usára o seu nome...

«Em suma, foi digno o que ele fez!»

Mme. Naquette encolheu os ombros.

—Nunca ouvi dizer que a tal Odette tivesse enganado o marido.

Mas Madalena desatou a rir.

—Coitada! Como isso lhe havia de ser difficil, assim tão feia! Quem poderia cair em a desinquietar!

—Então porque foi que Nageur quiz divorciar-se?

—Porquê? disse Madalena com veemencia. Não é só porque um dos esposos engana o outro que as pessoas se divorciam?

—Confesso-te, mesmo, Madalena, que, para mim, até essa grande razão não basta.

—Mas, então, que é que tu precisavas, pobre mãe?! —Sou assim. Não gosto do divorcio. Tenho horror ao divorcio. As nossas mães não se divorciavam e o mundo nem por isso caminhava peor. Ao contrario. Quanto a Nageur, se a mulher teve mão o enganava...

—Fazia peor! O pobre rapaz fez-me as suas confidencias. A tal Odette tinha um genio insuportavel.

—Porque não viu ele isso antes de casar?

—Só depois é que a bicha se revelou. Era exigente, tiranica, autoritaria! Ciumenta de todos e de tudo, acabou por indispor Gérardo com todos os amigos. Orgulhosa, invejosa, fazia-lhe scenas cada vez que a mulher de um amigo lhe mostrava qualquer joia ou *toilette* nova; «Aquela teve sorte!» dizia. Bem vêes que a existencia do desgraçado não havia de ser nada agradável...

—Certamente...

—Depois, não aceitava nenhuma observação. Se Gérardo se lastimava de não ter botões nas camisas, a megêra respondia-lhe que os pregasse ele. Se timidamente ele manifestava desejo de que lhe fizesse um prato preferido, dizia-lhe que era impossivel, porque custava muito caro,

«Se levava qualquer colega para jantar, fazia uma tal cara que Gérardo certo dia perdeu a cabeça e deu-lhe uma descompostura, para a meter na ordem. Pois ella de raiva quebrou uns poucos de pratos e toda uma semana não lhe falou.

Mme Naquette não pôde deixar de rir:

—Que menina, essa Mme Nageur.

Mas Madalena irritou-se:

—Ja não é Mme Nageur; agora usa o seu nome de familia; «Goulache», bastante ridiculo e que lhe fica muito bem, de resto.

—E tu, então, queres por tua vez chamares-te Mme Nageur?... Estás decidida a isso?

—Gérardo e eu amamo-nos, mãe.

—E's maior. Não posso impedir-te de fazeres o que entendes. Permite-me ao menos que te dê alguns conselhos.

—Escuta-los-hei, mãe. Escutarei tudo o que te ditar a tua afeição por mim e a tua experiencia;

—Bem. O conselho que te dou é que deves mostrar-te a teu marido tanto mais meiga quanto a outra era rispida.

—E' essa a minha intenção.

—Deixarás esse homem exercer a sua legitima autoridade no seu lar...

—Estamos de acôrdo.

—Aconselhar-te-has com ele em todos os casos.

—Assim farei.

—Cosinhar-lhe-has por tuas mãos pratos delicados, doces...

—Estou pronta para isso.

—Então ele ha-de achar tal diferenca entre a sua vida passada e a que tu lhe farás, que certamente ha de sentir-se feliz e adorar-te.



—Mamã, exclamou Madalena exaltada, tenho a convicção de que Gérardo ha de fazer a minha felicidade.
 —Escreve-lhe, pois, para que venha pedir-te. O que eu quero, minha filha, é que nunca possas arrependerte.
 —Oh! não me arrependerei
 —Abraça-me, beija-me e faz o que o teu coração te dita.

Passou-se um ano. Madalena é já Mme Nageur. Nos primeiros tempos os dois esposos viveram lindamente Mme Naquette felicitava se a todo o momento pela escolha que a filha fizera.

Depois, começou a notar ligeiras mudanças na atitude dos dois.

Gérardo irritava-se facilmente. Madalena dava-se a tratos para lhe proporcionar um prazer, mas não o conseguia muitas vezes.

A's palavras doces e submissas da mulher, Nageur respondia com mau modo. Certo dia em que Madalena ousou combater a sua opinião a propósito de uma peça de teatro que tinham visto na vespera. Gérardo exasperou-se e chamou-lhe estúpida.

Outro dia, Madalena, estreado um vestido novo, dissera ao marido:

—Vês? Comprei um vestido côr de rosa por me teres dito que gostavas desta côr.

Ao que Nageur respondeu:

—Não sabes então ter gosto pessoal?
 Uma manhã Gérardo punha, ao espelho, uma gravata que comprára, verde, medonha. Madalena disse-lhe com brandura:

—Que côr tão exquisita tu foste escolher!

Nageur, voltou-se e batendo com o pé lançou á mulher um olhar furibundo, dizendo:

—Mete-te com a tua vida, entendes? Não recebo ordens de ninguém! Eu só faço que quero.

Estas scenas renovavam-se constantemente, e um dia Madalena entrou em casa da mãe desfeita em lagrimas. A pobre Mme Naquette não ponde ocultar o seu des-

gosto. Mas como era resoluta e sobretudo era mãe, não hesitou. Foi ter com o genro e teve com ele uma longa conferencia.

Em seguida procurou Madalena, que encontrou abatida e desanimada:

—Acabo de falar com teu marido. Compreendo tudo. Enganamo-nos. Acuso-me de te ter dado maus conselhos. Vamos agora mudar de método, meu amor. Teu marido é um imbecil. E é covarde: A primeira mulher gritava-lhe, fazia dele o queria. Tu tomaste o caminho contrario, abusou. Quanto mais tu te humildavas na sua frente, mais ele supunha que se elevava. Quanto mais tu eras meiga e condescendente mais ele se mostrava autoritario. E' preciso mudar de vida! Vaes dar-me o prazer de lhe respingares por tudo, e á primeira má resposta que ele te dê, manda-o passear. A minha opinião está feita. E' um estúpido. Não tens senão um recurso.

Para não se fazer tudo o que se quer de um marido estúpido é necessario que a mulher seja mais estúpida do que ele.

Tu depois me dirás se tenho razão. Em suma, vejo, embora um pouco tarde, que não deviamos ter mudado os seus habitos...

Mme Naquette viu contentissima, passados dias, que a vida da filha com o marido melhorara muito.—Nageur já não tinha o seu ar fanfarrão e falava de novo a Madalena com doçura. E eis que uma noite Mme Nageur entra em casa da mãe, radiante e feliz, dizendo:

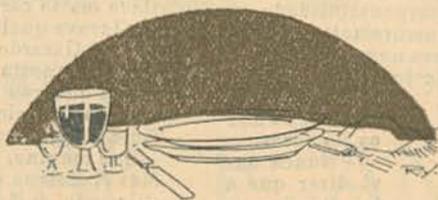
—Olha, mamã!... Olha o que Gérardo me trouxe hoje ao jantar.

Ao mesmo tempo mostrava o braço onde brilhava um bracelete, cravejado de brilhantes e esmeraldas.

—Meus Deus! que foi que se passou? exclamou Mme Naquette extasiada.

—Oh! nada, mãesinha!
 «Esta manhã, ao almoço, como estava achando Gérardo muito quizilento, atirei-lhe com um copo á cara

(De Pierre Voldagne.)



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparaveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a

«A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

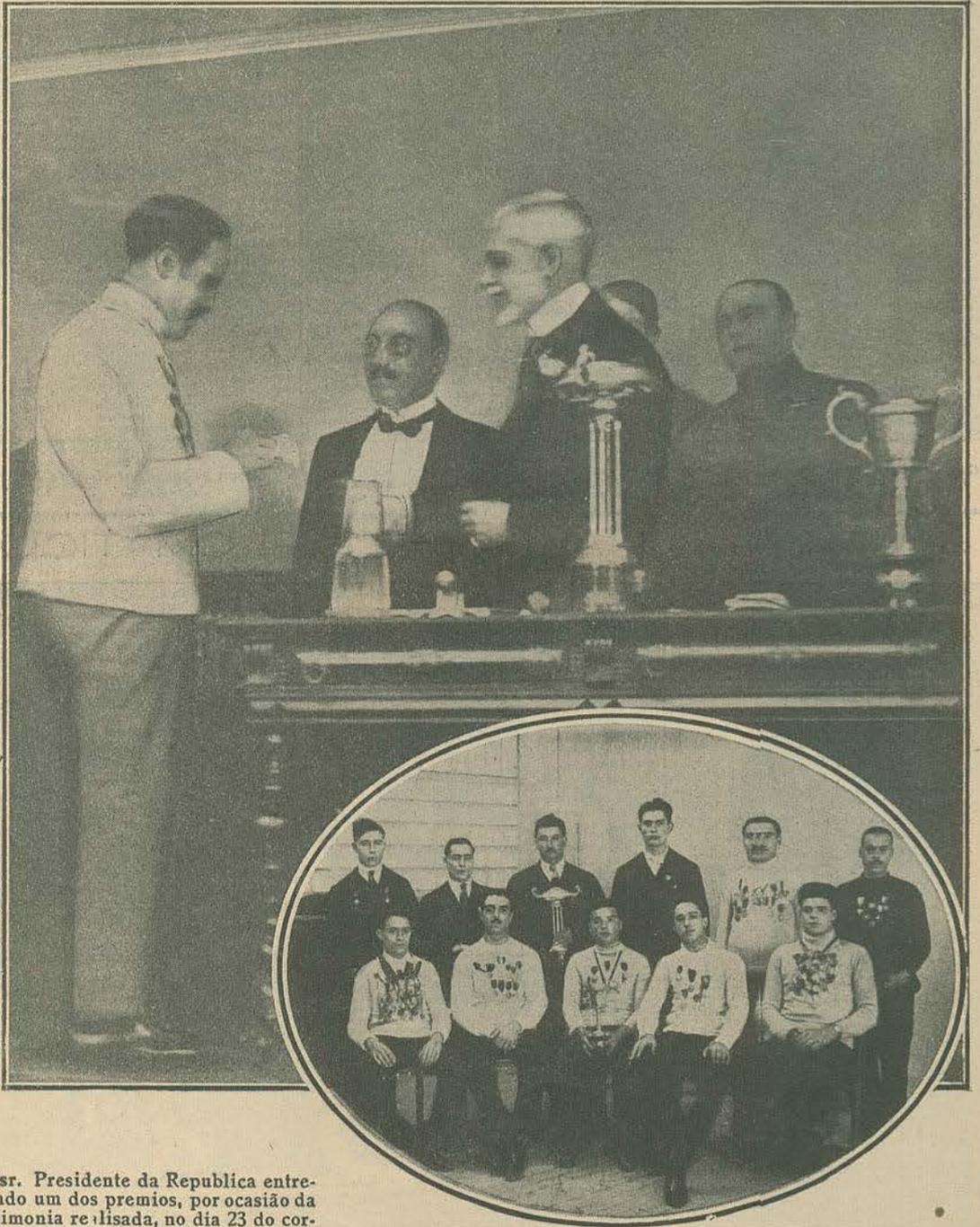
Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

29 — DEZEMBRO — 1923

N.º 932

Distribuição de premios da União Velocipedica Portuguesa



O sr. Presidente da Republica entregando um dos premios, por occasião da cerimonia realisada, no dia 23 do corrente, no salão da *Ilustração Portuguesa*. A' direita, na oval, um grupo dos premiados, ostentando o 3.º (2.º plano) a Taça oferecida por *O Seculo*

(Clichés Salgado.)



O Conselho Central das Juntas de Freguezia de Lisboa que entregou, no dia 18 do corrente, ao sr. Presidente da Republica, uma mensagem de solidariedade com a attitude assumida por Sua Excelencia, quando do recente movimento revolucionario

Novo governador civil de Lisboa

V. OLINISTA DISTINCTA

ALMOÇO DIPLOMATICO



Camila Lopes dos Santos, filha do nosso amigo sr. Torquato dos Santos, e discipula de virtuosidade, do professor sr. Ivo da Cunha e Silva, que ha dias obteve, em concurso, o 1.º premio do Conservatorio

A assistencia ao almoço oferecido pelo sr. Embaixador do Brazil, ao sr. barão de Fallon, embaixador da Belgica no Rio, e Regis d'Oliveira, embaixador do Brazil no Mexico, de passagem em Lisboa, a bordo do Mas illa, no dia 18
Da esquerda para a direita: (sentados)—sr.ª ministra da Belgica, sr.ª Embaixatriz do Brasil, Mme Regis de Oliveira, irmã do sr. Embaixador Regis de Oliveira, sr.ª Margarida de Landers (da pé) Mlle Lydia Cardoso de Oliveira, sr. dr. Macieo Soares e esposa, sr. Embaixador do Brasil, dr. Regis de Oliveira, Mme Lafayette de Carvalho e Silva, sr. Barão de Fallon, Mlles Virginia e Clara Cardoso de Oliveira, os srs. ministros da Belgica e sr. dr. Lafayette de Carvalho e Silva

O GABINETE ALVARO DE CASTRO



Coronel Sá Carrazo
Ministro Interior

Dr. José Domingos dos Santos
Ministro da Justiça

Dr. Alvaro de Castro
Presidente do Governo, ministro das Colónias e Interino das Finanças

Maj. Ribeiro de Carvalho
Ministro da Guerra

Capitão de fragata Pereira da Silva
Ministro da Marinha

Dr. Domingos dos Santos
Ministro dos Estrangeiros



Dr. Lima Duque
Ministro do Trabalho

Dr. Antonio Sergio de Sousa
Ministro da Instrução

Dr. Antonio da Fonseca
Ministro do Comercio e Interino da Agricultura

O novo governo, tal como se achava constituído ao tomar posse no dia 18 do corrente

Jardim-Escola João de Deus



Dois aspectos da interessante festa realçada no dia de Natal: um grupo de crianças lançando em volta da tradicional Árvore de Natal. Presidente da Republica desfilando por entre os pequenos alunos (Clichés saigado.)

Associação Humanitaria dos Bombeiros Reguenses

Comemorando a passagem do 43.^o aniversario da sua fundação, a benemerita Associação Humanitaria dos Bombeiros Reguenses inaugurou solemnemente, no dia 5 do corrente, um quartel, sito em um dos pontos mais centraes da Regua.

Constituiu, esta simpatica festa, o caso do dia n'aquela cidade, tendo o respectivo programa constado de: alvorada por girandolas de foguetes e uma banda de musica, que percorreu as principais ruas; ás 8 horas, hasteamento da bandeira nacional no novo quartel, seguido de parada do corpo; ás 13 horas, cortejo ao cemiterio e, ás 18 horas, sessão solemne inaugural do quartel, durante a qual foi descerrado o retrato da grande benemerita da associação, a sr.^a D. Branca Martinho. Depois da sessão solemne houve um copo d'agua aos convidados e, á noite, um banquete de 100 talheres.



D. Branca Martinho, benemerita a Associação, aclamada presidente honorario da mesma.

Artur Gonçalves Martinho, presidente da Direcção

Camilo Guedes Castelo Branco, 1.^o comandante.



Os bombeiros reguenses em frente do novo quartel, inaugurado no dia 5 do corrente.

(Clichés Teixeira, Regua.)



No edificio da Escola Militar reunida, no dia 20 do corrente, a comissão dos Padrões da Grande Guerra presidindo o general sr. Tamagnin d'Abreu, secretariado pelos srs.: tenente-coronel Sá Carlos, generaes Bernardo Faria e Abel Hippolito e Emilio Deligant, presidente da União dos Combatentes Franceses Residentes em Portugal. A nossa gravura representa um aspecto da referida reunião, e n que o general sr. Roberto Bastos deu conta do que se passou com a missão militar de que fez parte, ao antigo sector português, na Fianires, por occasião da inauguração do padro-mouumento de Laconture

DOIS CASAMENTOS ELEGANTES



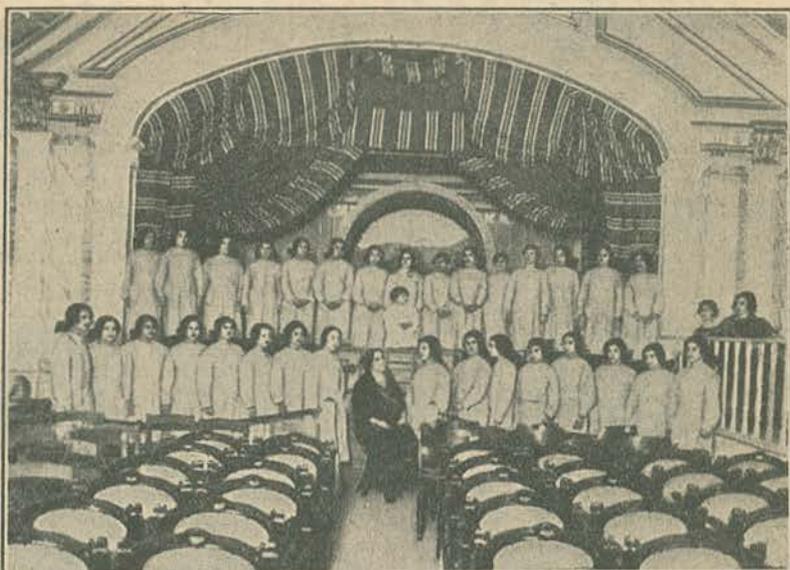
A sr.^a D. Margarida das Neves Pereira e o sr. Mario Pereira, cujo casamento se realisou no dia 17 do corrente, na igreja dos Jeronimos, em Lisboa
(«Cliché Salgado.»)



A sr.^a D. Joaquina Mendes do Passo e o tenente da G. N. R. sr. Francisco Pinto do Amaral, cujo casamento se effectuou na mesma data, na igreja da Sé, de Faro
(«Cliché T. Medel.»)



Eminente jurista e antigo ministro da Justiça da República, falecido, no P. R. V., no dia 19.



O orfeon infantil que tomou parte na interessante festa da distribuição de prémios, realizada no dia 24 do corrente, vendo-se, ao centro, a directora do Instituto.



ASILO D. PEDRO V

D correu cheia de entusiasmo a festa da Arvore do Natal levada a cabo, no dia 23, no Asilo D. Pedro V, por uma comissão sob a presidencia da sr.^a D. Maria Rio de Carvalho. Houve ses ao solenne a que presiraram o director do Asilo, sr. dr. Moreira Junior e, depois, aquella senhora, sendo proferido discursos de saudaça a referida comissão e, em geral, aos ben merit. s da instituição, quanto cora, a distribuição de premios etc. O edificio do asilo esteve durante o dia franqueado ao publico, bem como uma exposiçaõ de trabalhos das alunas, e ja fot. grailla, um grupo r. produ. l. n. e. s.

ASSOCIAÇÃO PRO- TECTORA DA PRI- MEIRA INFANCIA

Na mesma data, comemorando a passagem do 22. anniversario da fundação do respectivo Lactario, tam em esteve em festa a sede da Associação Protectora da Primeira Infancia, onde se realisou uma sessão solenne a que presidiu o Chefe do Estado. Im seguida p oced u-se á distribuição de enxovaes a 40 mães e de leite ás pequenas protegidas da Associação.

A nossa gravura representa as gereridas maes e creanças por occasião da festa, que dec rreu ch la de animação e encanto com o todas aquei s em que a infancia tem preponderante co- laboração.



Na rota do Cruzeiro do Sul



A bordo do "Andes,"

POIS digo-lhes que só conhece o gosto de viajar, quem toma um transatlântico e se confia á viva estrada dos mares. O comboio, com as suas acanhadas *cabines*, é uma rua de jazigos onde nos engavetamos a tantos minutos por kilometro. Nas marchas de velocidade sacode-nos como se fossemos o trigo na peneira ás voltas com o joio. Nos dias invernosos, imþe-nos a asfixia artificial das portas e janelas cerradas, tornando o viajante um quasi bicho da sêda fechado no cazulo. Nos dias de sol e de estiagem serve-nos a asfixia natural do calôr concentrado, e como se isto não bastasse para nosso penar, reverte-nos ao pó das Escrituras — peor do que o pó original, que é repouso dos trabalhos desta vida, pó de tortura chinesa, que nos pica a raiz dos cabêlos, que nos morde a mucosa das palpebras, que se nos faz irritante camada de esmalte nas narinas, aspera crosta de ostra na concha dos ouvidos, sêca tosse convulsa nas cordas da garganta, sarna e lepra no pescôco, no peito, nos braços, e farinha de moleiro no pobre fato amarrutado. Alem disso, obriga-nos á postura inquisitorial dos condenados aos *chumbos* de Venéza. Incompatibilisa-nos com o asseio. Põe-nos de mal com a higiene. Coloca-nos ao avêssô do exercicio. Pelo que, viajar de comboio, em ultima analise, é ainda e acima de tudo abdicar — abdicar dos nossos melhores costumes, abdicar das nossas primaciais comodidades, sob o despotismo do monstro de ferro e fôgo que nos limita o chão a dois fios paralelos de aço.

Quem viaja num navio, não o nego, também abdica. Abdica de certos habitos quotidianos, referentes ao sistema dos horarios e das obrigações.

E abdica, em especial, da sua liberdade de acção. Porque, desde a hora em que se meteu no vapor, e o vapor se pôz em marcha, fica prisioneiro do mar. Pôde resolver a mudança de rumo, pôde gritar a necessidade de saffr d'aquêle nôvo mundo, que o mar, insensível, rondando-o dia e noite, não lhe deixará deitar o pé fóra da sua flutuante Bastilha.

Mas, a par destes contras, tão ligeiros como a espuma sobre a vaga parra o que voluntariamente se entrega á prisão, a viagem marítima oferece-nos fartos prós compensadores.

Contemos pelos dedôss. Primeiro: — o sono bem dormido, bem embalado, no leito fôfo da espaçosa *cabine*. Segundo: — o banho matinal, de agua salgada ou agua dôce, á temperatura do nosso agrado. Terceiro: — as refeições um luxuoso salão, onde nos movemos sem constrangimento, onde ás vezes ouvimos bôa musica. Quarto: — o passeio higienico no convez, ora gosando o morder felino da nortada, que concerta nas aguas sinfonias de côr e de movimento, ora sentindo a caricia feminina da brissa, que parece andar de zagala atraz do rebanho de ondas minusculas, cordeirinhos traquinas, de corrida no esmalte vêrde. Quinto: — os jogos de dlestreza ou de fôrça entre parceiros dos dois sexos, senhoras e cavalheiros, *misses* e *gentlemen* bateendo-se com o denôdo educado de pessoas bem nascidas.

Não chegariam, meus amigos, em vez de dez, uma centena de dedôss para correr as contas deste roزاریo.

Ele é a leitura facil dos autores preferidos no aconchêgo dos salões interiores ou nas

comodas cadeiras do tombadilho. Ele é a vista permanente do-mar, volúvel romântico, agora em bravas atitudes de leão furioso, logo em requêbros lacivos de pombo namorado. Ele é a cinematografia pitoresca das *toilettes* e das formas em acção, mulheres que de manhã nos lembram as praias de maior nomeada, que á noite nos sugerem a ilusão dos opulentos *casinos* cosmopolitas, homens e mulheres que desde o levantar ao deitar invariavelmente sacrificam a Nossa Senhora Variedade.

É a serie diaria das refeições — umas ligadas ás outras como élos numa corrente. E os bailes, nas zonas frias sob os tectos dourados do salão de musica, nas zozas quentes no *deck*, ao ar livre, decotes e smokings vogando ao compasso dos *fox trot's* e ao cantochão das ondas.

É a auzencia da poeira, apenas aqui e alem, se o vento assobia mais alto, substituida por outra poeira, esta refrescante, esta cromatisada pelo sol, erguendo-se das vagas como chuvisco envernado. E acima de tudo, e alem de tudo, a impressão da terra avistada ao longe, depois de quatro dias de ceo e mar:

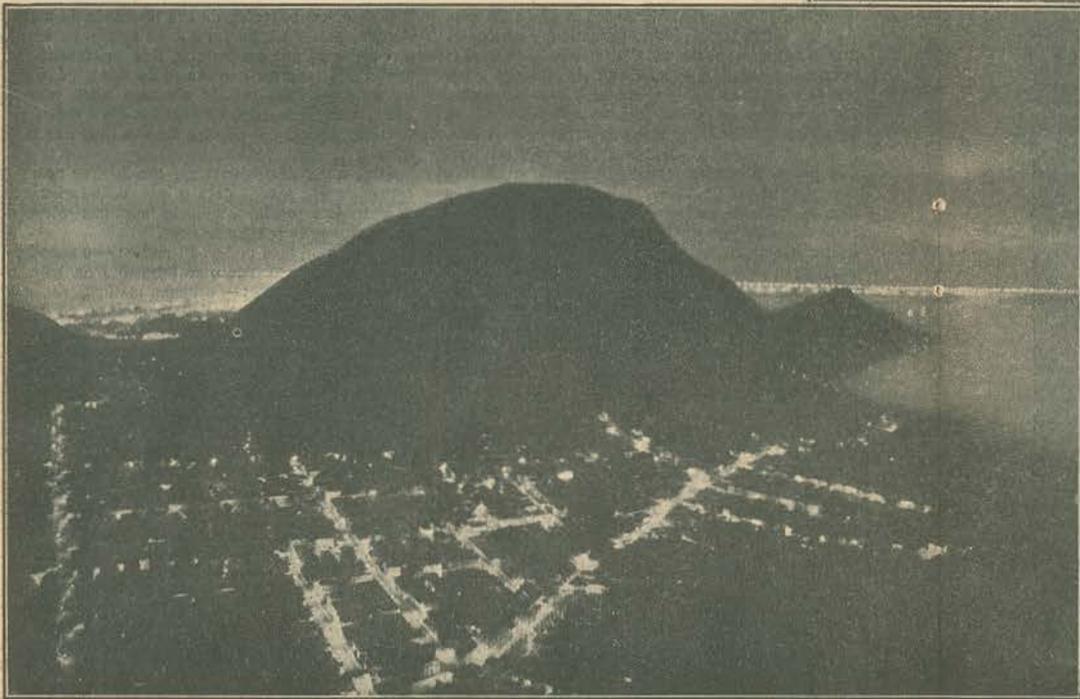
— Terra! Terra! — gritam todos os olhares, todos os sorrisos, afirmando em nós, num unisono eloquente, a qualidade suprema de animais terrestres, que da terra recebem o amôr e o sustento, que na terra procuram a vida e a morte.

Até o balanço do navio tem os seus encantos — obrigando-nos aos jogos olimpicos do equilibrio difficil. Até as intrigas do convez teem o seu sabôr — forçando-nos aos exercicios tauromaticos do *diestro* no jôgo do capote.

Até os desmandos do vento teem a sua grandeza — o vento, musico de epopeia, nos cabos e nos mastros entoando o coral wagnareano das solidões maritimas; o vento, escultôr de flagrantés, esculpindo em estôfos leves e rendas caras, no á *vontade* dos tombadilhos, a a graça sexual das ondinas familiarisadas com os humanos. Até os temporais tem a suas virtudes; é á sua voz apocaliptica que os bons se apartam dos máos, os humanitarios dos egoistas, os fortes dos covardes.

E os amores de bordo! Ah, meus amigos, devam ser os unicos amores felizes! Porque não teem tempo de acabar. Começam num jôgo de malha, deslizam sobre seis dias de *fox-trot*, e antes do primeiro bocejo, prometendo-se a eternidade, desaguam no pôrto de desembarque — que porisso mesmo se chama pôrto de salvamento.

Luar na
praia da Gaeca



Só descubro nas viagens maritimas, á ilharga dos já notados, mais dois contras de *re-lévo*. Um, exclusivo dos que não amam a bordo, pois esses contam os dias por minutos — o da sua excessiva duração. Ao sexto dia aborrece. Ao oitavo faz neggar a era do hidro-avla-dor. Ao decimo obriga a amalidoar o engenho de Marconi. E ao decimo segundo, apesar de musica, do faisão dourado e das *misses* confortadas a *champagne*, levanta a tais alturas o vulto dos ascendentes das descobertas, daqueles que sobre as aguas do mar balouçaram mezes e anos, sem mulheres decotadas e sem rumo certo, que se mos afigura baixo o céu para os conter.

O outro, o numero dois, deram-lhe no batismo o nome de enjoô.

O enjoô, minhas senhoras! Não sei de incomodo que o iguale, nem de veneno que o exceda. É o incomodo maior, maior do que todas as doenças, não tendo cabida no quadro da patologia. É tão depressivo, e tão lesivo dos mais humanos instinctos, que amolece e anula o proprio instinto de conservação. O enjoado nem vê a morte — cego na escuridão do aturdimiento. Ha um instinto que sobreleva ao da vida de cada um — *é* o da vida dos filhos. Esse mesmo p'cede na agonia do vomito — agonia, a unica, que não faz disposição da ultima vontade, porque a não tem.

Pois se o enjoô, desapêgo maximo, absoluta desmoralisação, até arranca ao sentimento da mulher o cuidado de parecer bem! A mais garrida, a mais preciosa mostra-se em pubisce no desgrenhado lambido de certas Medusas á saída do banho.

Afianço-vos, juro-o se for preciso: — M.^{me} Rolan, a que soube morrer num gesto de tão impressionante belêza, se em vez de subir á *guilhotina*, descesse ao enjoô, teria morrido no abandono do embriagado ao cair ao chão.

Mas o enjoô é um momento. Mas o enjoô é um incidente. E a concontracenar com a sua fisionomia atormentada de vencido, sucedem-se as bocas crepitantes de riso, palpitam as danças sacudidas de mocidade, aumentam os perfis fluorescentes de lindas damas e donzelas.

No evocar de toda essa serie de sensações vividas a bordo, as docés e as amargas, eu refaço em mente a minha primeira viagem maritima, em demanda do Cruzeiro do Sul, instalado no bôjo paquidermico do *Andees*, ainda sobre o mar.

O rio morto
de noite

Revivo as horas de passeio ao lado do dr. Nuno de Vasconcelos Pôrto, um companheiro que volveria em afaveis as aventuras tormentosas de Ulysses, a desfiar anedotas e a resuscitar o passado. Reveio a figura tranquila do dr. Mariano da Rocha, estirado na cadeira de convez ditando a brasileiros e portuguezes as seduções de França e as maravilhas de Santa Tereza, no Rio Grande do Sul. E é a colonia brazileira, com os seus tipos femininos de perturbante graça e de requebros musicais: a colonia argentina com as suas mulheres de gentileza castelhana e de britanica desenvoltura; é a colonia uruguaiana, a portugueza, a ingleza, a dinamarqueza, Babel de bom tom, agitar-se no *ecran* da minha memoria. Ouço a voz do tenor Fiéta no salão de musica, a acertar, de sol a sol, as romanzas da *Lucia*, as arias da *Tosca*.

Tenho a impressão de que escuto ainda Mr. Withe, um filho de Albion que concerta um portuguez com curso legal á beira do Mondégo. Reconstituo a corpulencia esgalgada de Sir Crofton Atkins, um alto funcionario britanico, que semelha uma criança grande a brincar com as que brincam e a rir com as que riem. Recordo Miss Muñoz Maza, quinze anos de sadia beleza, ao saltar da piscina anciada que nem rôla ferida. Relembro as atitudes masculinas de Miss Milner, a ingleza victoriosa de todos os jogos de audacia e de velocidade. Reproduzo a linha heraldica de Miss Nora Mac-Millan, mixto de haste e de gazela—haste na levêza das formas, gazela na agilidade dos movimentos—a argentina eleita, a primeira das primeiras nos lances de dextreza e nas voltas da dança.

Até o meu camaroteiro, o risonho Roger! Até Miss Aleixa, a minha camaroteira, uma que soluça um portuguez menos traduzivel do que o balido da ovelha . .

Bahia de Guanabara! No céu, na benção da terra, lá vejo o *Cruzeiro do Sul*. E' que são nove horas da noite. E quedo-me, tcmado de assombro, entre as constelações vizinhas do *Cruzeiro* e as estrelas da linha de fôgo do cais a Copacabana.

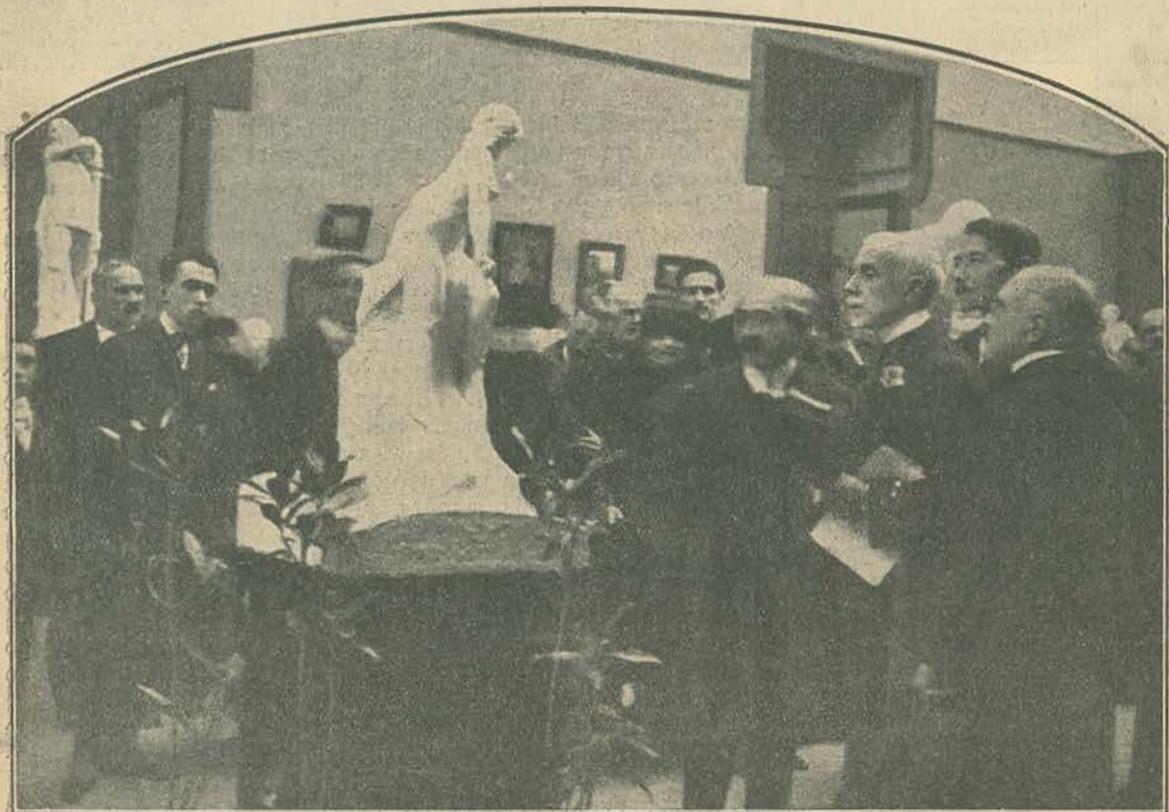
Rio de Janeiro! É continuo, aqui tão longe, a sentir no cõrpo a unccão dos abraços, no ouvido o leite e mel das boas-vindas. Sinto o afago hospitaleiro dos reporteres cariocas—este a querer saber da minha viagem, aquele a inquirir das minhas conferencias...

Cruzeiro do Sul!—guia de pastores e reis Magos para a *Terra Prometida*...

Lisbõa — Out. 1923,

SOUZA COSTA.

Exposição d'Arte dos Antigos Alunos da Casa Pia



O sr. Presidente da Republica visitando a exposiçõ de pin'ura, escultura e arquitectura dos antigos alunos da Casa Pia, a que já nos referimos no nosso anterior numero, inaugurada na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes, no dia 22 do corrente. A' direita do Chefe do Estado, vê-se o escultor sr. Francisco dos Santos, por detrás o pintor sr. Pedro Guedes e, á esquerda, o pintor sr. Eduardo Romero (Clichê Salgado.)

PERSONALIDADES EM FOCO



Ernesto Chuara

Antigo deputado pelo cantão de Vaud, eleito presidente da Confederação Suíça no dia 13 do corrente



General Obregon

Presidente da Republica Mexicana e comandante em chefe das forças que combatem os revolucionarios



Adolfo de la Huerta

Ex-ministro da Fazenda do Mexico e chefe do actual movimento revolucionario naquela Republica



V. Nizelo

Embaixante homem de Estado em Lissabão para a presidencia da Republica, prestes a ser proclamada na Grecia



Jorge II

Soberano da Grecia, actualmente expatriado na Romania, a conselho do seu governo



Rainha Isabel

Esposa do Jorge II e com elle expatriada na Romania, sua terra natal



Ail. irante Condurlotis
Regente da Grecia, até que a Assembleia consiliante se manifeste sobre o futuro politico do país

Coronel Plastira, general Pangalos, almirantissimo Hadjikyriakos e coronel Gonatas (l. plano da esquerda para a direita)
Figuras militares de destaque no movimento republicano da Grecia



Principe Artur d. Co. naught

Que, da regresso a Londres, a sua esposa foi hospeda em F. Lour. Marques

Navegação nacional para Africa



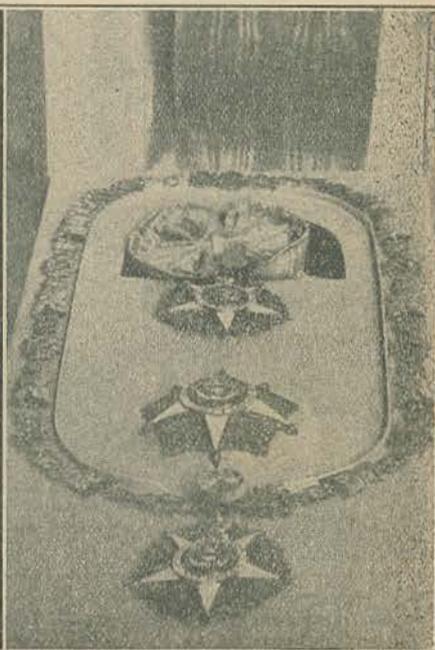
Paquete Lourenço Marques, primeiro navio a seguir para Africa após a terminação da greve do pessoal da marinha mercante, levantou ferro no dia 20, levando mais de 400 passageiros. A nossa gravura representa o Lourenço Marques pouco antes de desencostar da muralha, vendo-se, na amurada, os soldados landins que, há mezes, se encontravam na metropole e regressaram, no mesmo navio, à sua unidade militar africana (Cliché Salgado.)

Posto de Socorros do Hospital do Barreiro

Travessia Aerea do Atlantico



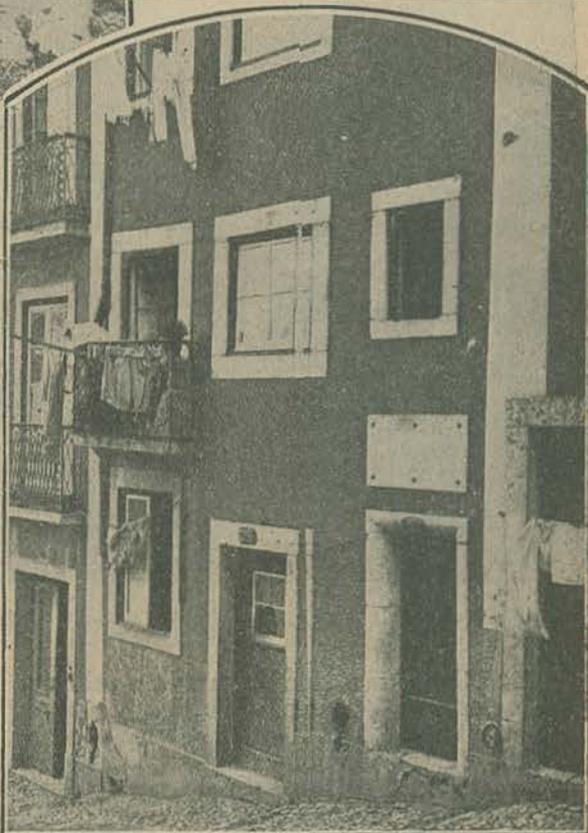
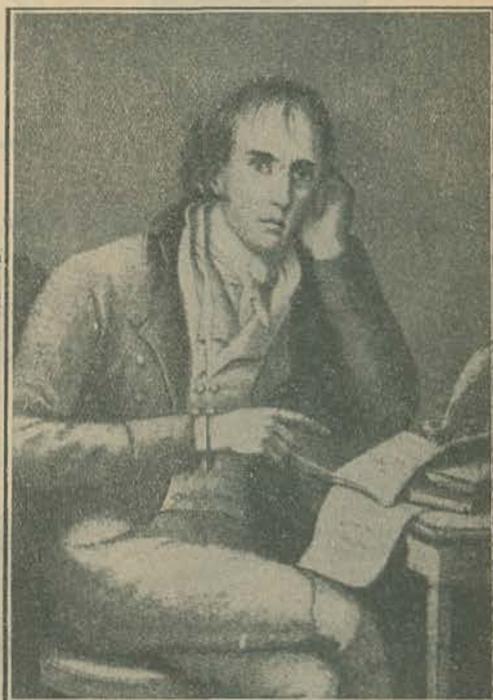
Grupo de senhoras que intclaram, no Barreiro, no dia 16, as festas em favor dum Posto de Socorros no Hospital da Misericórdia. Da direita para a esquerda: (sentadas) D. Maria Luiza de Vasconcelos, menina, Maria de Lourdes de Vasconcelos Costa, D. Natalia de Vasconcelos Palermo, D. Adellina da Conceição Correia, D. Ana da Graça Farto; (de pé) D. Hremínia e D. Clementina Teixeira Gomes, D. Isabel dos Prazeres Bacia, D. Amélia Ana do Carmo e D. Carlota Mario Correia (Cliché Rezende.)



Insígnias da Gra-Cruz da Torre e Espada em ouro, com as placas cravejadas de brilhantes, safiras e esmeraldas, que vão ser oferecidas a Gago Coutinho e Sacadura Cabral e est veram recentemente expostas ao publico nos Paços do Concelho de Lisboa

Ha Muitos Anos...

PASSOU, no dia 21, o 118.º aniversário do falecimento, em Lisboa, de um dos maiores poetas portugueses: Manuel Maria Barbosa Hedoís du Bocage (Elmano Sadino). Natural de Setúbal, não decorreu, ali, a infausta data sem que a memória do eminente vate fosse, mais uma vez, homenageada, preito este a que a *Ilustração Portuguesa* se associa, dedicando a Bocage uma das suas paginas.



A' esquerda: a casa da rua de S. Domingos, em Setúbal, onde nasceu Bocage, a 15 de Setembro de 1765 e o monumento ao poeta, inaugurado em 21 de dezembro de 1872, na mesma cidade.
A' direita: reprodução do retrato do Bocage que acompanha a 1.ª edição das suas «Rimas» e a casa da travessa de André Valente, em Lisboa, onde faleceu o vate, aos 21 de dezembro de 1805.

"Estrelas" e "Ares" do Cinema

Faire Binney
a companheira
de
Georges Carpentier
na película
The wonder man,
da
Selznick

coenta quilômetros da linha ferrea mais próxima, ou melhor menos distante.

Esses artistas sofreram mesmo grandes privações e arduos revezes: os viveres, por exemplo, tardaram muitas vezes, o que se compreende em virtude das enormes distancias que tinham de percorrer.

Por outro lado tomaram parte nesta *mise-en-scène*, seiscentos bois, mil cavalos e quinhentas mulas.

Para uma das scenas da película, uma enorme caçada, foram, igualmente utilizados quinhentos bisões.

Destas breves linhas se desprende, facilmente, a grandeza da montagem deste *film*, cuja exhibição já foi anunciada ... em Paris.

— Os "jornaes americanos elogiaram muito o novo trabalho, do conhecido comico Harol Lloyd, *Minha filha é so-nambulista*.

Harold desempenha nesta película o papel dum medico, que ao ter conhecimento de que padece sua propria filha—so-

papel toda a graciosidade que possui.

—Obteve grande êxito em Paris, o *film* americano *O Justiciero*, em que a par da exhibição de magnificos scenarios, a interpretação é excelente.

Nesta salientou-se uma artista nova, Leah Baird, cujo nome, é preciso reter em vista das referencias que lhe foram feitas por parte da imprensa franceza.

Jack Mower no desempenho do principal papel masculino foi feliz.

Ainda quasi todos os jornaes se referem á extraordinaria nitidez e iluminação da película, no que os americanos podem ser classificados de mestres.



Os artistas
de
Paramount,
miss
Ann Forrest
e
ohn Spencer

QUANDO se trata de filmar uma película, de que as principais scenas se passam longe de toda a civilização moderna, os actores não devem, de modo algum permanecer num confortável stúdio, porque isto se reflectirá ainda que indirectamente, pelo seu estado fisico, no trabalho imprimindo-lhe pouco realismo.

Assim, recentemente, os tres mil artistas, que tomaram parte no desempenho do "film" *A caravana para o Oeste*, viveram seis mezes em pleno deserto de Utah, a uns cento e cin-

nambulismo — lhe ordena, como era de esperar, os mais disparatados regimenes.

Mildred Davis emprestou ao seu

Owen Moore e sua mulher, após o seu recente casamento



DUSTIN FARNUM

WILLIAM FARNUM

JUNE CAPRICE

JORGE WALSH

TOM MIX

SEARA ALHEIA



O PRESTIDIGITADOR—Ora vamos lá a saber, meu menino: Não é verdade que não me conhece e é esta a primeira vez que nos vemos?
O MENINO—E' sim, papá!...

(De «London Opinion».)



O Calheiro (ao «ch'ffeur» que enfia o carro pela loja dentro) Ora então muitos bons dias! Que deseja d'esta sua casa?...

(De The Humoriste.)



«Parlamentarismo»

Discussão de um projecto de lei na Camara Françoza.
 (E n'outras, que nós sabemos...) (De «L'As».)



O primeiro—Cheguei a pedi-la e teríamos casado se não fosse ela!...

O segundo—Mas que fez ela?...

O primeiro—Declarou que não queria!

(De Le Petit Parisien.)



«Estrelas de cinema»

— Caso, para a semana, com Jack, e terei que renunciar a impressionar mais películas, porque ele opõe-se...
 — Não achas que é uma tolice abandonar a tua carreira?...
 — E' sim... Mas calculo que não será preciso, pois é natural que me divorcie antes que comecemos a ensaiar a nova...
 (De «Puck».)



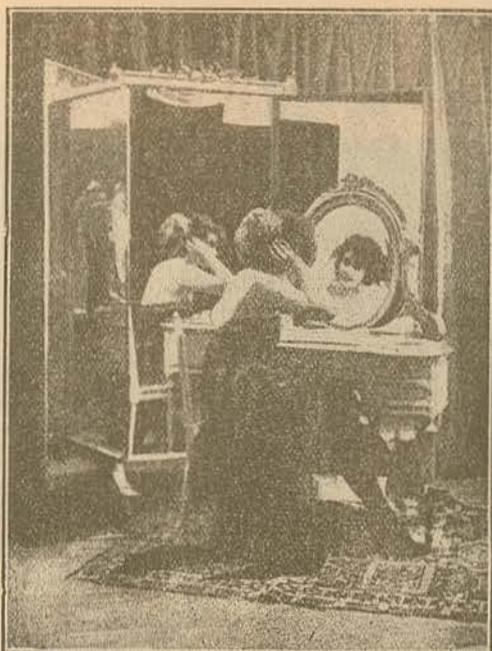
— Dize-me, Gubita: sou eu o primeiro homem que te beija?

— Podia jurar-t'oi!... Mas porque será que todos me fazem a mesma pergunta?...

(De Excelsior — Mexico.)

POMBO MARIOLA

no Politeama



FRAS- QUITA

no São Luiz

NO Politeama estreou-se uma nova peça de Chagas Roquette, o aplaudido autor de *D. Perpetua que Deus haja*, *O Senhor Roubado*, *Frei Tomaz*, etc. Não se afasta a produção do scintillante humorista das que a precederam, pois segue os mesmos moldes e tira partido de identicos recursos. Chagas Roquette, como comediografo, não pretendeu até agora senão caricaturar, a traço grosso, certos tipos de uma sociedade intermedia, na qual se movem os torpas, os aventureiros, os sabidos e os ingenuos de ambos os sexos, os que exploram e os que se deixam explorar, as velhas damas solteironas eternamente apaixonadas e os vigaristas — homens de bem renitentemente audaciosos, as meninas casadouras, as servas burguesas, os comerciantes velhacos, numa palavra todos quantos constituem a fecunda, grotesca e inextinguível fauna da baixa burguezia e a calda em que se agitam e proliferam. Mas o comediografo subordina tudo á sua propria graça. Mestre no inventar os ditos mais imprevisitos, as imagens mais hilaritantes, os trocadilhos mais picarescos, as personagens que ele ergue no tablado falam quasi todas no se estílo que faz cócegas e nos impelle ao riso, ainda que tentemos resistir-lhe. O entreocho passa como que para logar secundario: o objectivo essencial dir-se-hia ser o fogo de artifício da linguagem que deixa a perder de vista a acção e o resto. E porque as girandolas de palavras e frases coceguas se succedem sem intermitências, os espectadores riem ininterruptamente para só nos finais de acto reconhecerem que era... fogo de artifício o que os deslumbrava. Chagas Roquette atinge o virtuosismo neste genero, pecando, talvez, pelo excesso. E, no entanto, não lhe escasseiam dotes de observação, senso satírico, vigor de desenho. A critica notou pontos de contacto entre o *Pombo mariola*, que assim se intitula a comedia-farça em scena no Politeama, e outras composições do autor, nomeadamente o *Senhor Roubado*. No comentario não ha exagero. A verdade, porém, é que Chagas Roquette, como deixamos frisado, se preocupa, de um modo especial, para não dizer exclusivo, com a piada, com o *smile* desnorteante, com o *disparate* e, com effeito, são esses elementos abundantissimos nos seus trabalhos o que lhes imprime um certo tom de monotonia, o qual, no entanto, não obsta a que o publico rompa em gargalhadas francas ao ouvir os seus maiores tarimbellos, as duas velhas delambieas ou estericas as suas sopeiras de atrazado figurino, os seus traficantes de negocios escuros... No *Pombo mariola* não falta um fioinho de sentimento que se incarna em duas personagens representadas, respectivamente, por Amélia Rey Colaço e Robles Montelero, as duas figuras equilibradas e sensatas da peça. O cioso nos parece frisar que a gentilissima artista, de altos vóos, tem um papel muito apagado e que para ella se pode considerar de perfeito descanso. Nos outros tipos, ha que referir Laura Hirsch, Alfredo Ruas e Gil Ferreira, que possuem singulares aptidões para seme-

lhante genero, e ainda as jovens actrizes que desempenharam os papeis da criada de servir e da menina apatetada, tipos allás felizes. A companhia Amélia Rey Colaço-Robles Montelero poz em scena o *Pombo mariola* com a propriedade costumada.

No São Luiz, post tantos que labores, representou-se a opereta *Frasquita*, composição de Franz Lehar sobre libreto de Villner e Reichert, traduzido por Luiz d'Aguiño e Xavier de Magalhães. A parte musical é

das mais felizes do celebre compositor, pelo que tem de inspirada, graciosa, leve, característica. Com uma interpretação instrumental e vocal mais aurada, as formosuras que encerra em abundancia provocariam o entusiasmo das platéas ás quaes o genero agrada sobre qualquer outro. Mas as batutas prodigiosas não andam por ali a granel e as vozes adequadas e educadas tambem rareiam, de maneira que o desempenho de obras como *Frasquita* se resente de taes efficiencias. Armando de Vasconcelos, o actor emparezario do S. Luiz, esmerou-se em ensaiar e montar a opereta, não olhando a canceiras nem a despezas. Está a *Frasquita* bem ensaiada e posta em scena com luxo e aparato, verificando-se nos minimos pormenores a proficiência e o gosto de Armando de Vasconcelos. A protagonista coube a Auzenda d'Oliveira que supre a sua pouca voz pela graciosidade com que representa. O papel é trabalhoso em extremo para a cantora e para a actriz. Auzenda, coalescente de uma enfermidade de garganta, ladeia com arte as maiores difficuldades. Aldina de Souza, na segunda figura feminina, houve-se bem, não prestando de um grande esforço porque o papel está longe de ser de folgo. O sr. Sales Ribeiro, que possui uma voz que os entendidos houvam, lastimando, ao mesmo tempo, vê-la mal aproveitada e á redea solta, teve momentos agradaveis, mas em regra andou descantor e como actor. Ha pretensiosismos de todo o ponto descabidos, affectações que redundam num ridiculo mortal. Precisa o sr. Sales Ribeiro de se dedicar, intensa e intelligentemente, ao estudo, quer do canto, quer da arte de representar, porque, se o não fizer, corre o risco de ser destronado, como galã, assim que apareça quem, com os necessarios requisitos plasticos, saiba, cantando, fazer uso da voz e, representando, não proceder de forma que dresse os mais elementares preceitos scenicos. O sr. Vasco Santana, dotado de fisico para os papeis comicos, continua ganhando simpatias, mas cremos que se repete demasiadamente. Está muito novo; se tem boa vontade, se é intelligente e estudioso como vnos consta, apenas precisa trabalhar, sem desanimo e ouvir as lições de quem lh'as ministre com autoridade, não se imaginando já um artista feito. No conjunto, o desempenho de *Frasquita* pareceu-nos dos mais afinados. Scenarios e effeitos de luz, muito aproveitaveis. As *tablettes* de Auzenda e Aldina, elegantes.



CHAGAS ROQUETTE, autor do
Pombo mariola

A. de A.

As colonias portuguezas na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

Já se referiu a *Ilustração Portugueza*, no seu numero do dia 1 do corrente, ao brilhantismo que revestiu, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, a participação portugueza, tanto no ramo industrial, como no comercial e agrícola.

Mas, a parte, talvez a mais importante, dessa participação, aquela que maior interesse despertou, foi a parte colonial.

A Exposição do Rio de Janeiro concorreram todas as nossas provincias ultramarinas, que ali se fizeram representar pelas estações officaes, firmas e casas particulares e, sobretudo, pelas Companhias que as nossas diversas colonias se acham instaladas.

As Companhias concessionarias enviaram ali os seus productos, tendo-se destacado, dentre ellas, a Companhia de Moçambique, que apresentou uma esplendida collecção, que foi justamente apreciada por todos os visitantes do grande Certamen Internacional.

Como se vê da gravura que publicamos, as instalações coloniaes occuparam um vasto salão do Pavilhão das Industrias, e o *stand* da Companhia de Moçambique era o mais completo que ali se encontrava. Foi uma demonstração cabal dos recursos desta Companhia, cujos productos mereceram do Jury da Exposição Internacional do Rio de Janeiro as seguintes recompensas:

1.º GRANDE PREMIO

Cereaes, legumes, café, sementes, plantas texteis e fibras

2.º GRANDE PREMIO

MADEIRAS, BORRACHA E GOMA

3.º GRANDE PREMIO

TABACO

1.ª MEDALHA DE OURO

BUJUTARIAS

2.ª MEDALHA DE OURO

CESTOS E CESTAS



Instalações da Companhia de Moçambique no stand das colonias portuguesas

Página



BORDADOS e peles! Eis o que a moda, no momento que passa, preferê para a guarnição das nossas *toilettes*. E assim, combinando a opulência dumas com a graciosidade, a arte delicada dos outros, a densa da elegância atende a todas as possibilidades de aquisição. Para os *budgets* fartamente providos, as peles; para os mais modestos... os bordados, que permitindo menor dispêndio na compra da *materia-prima*, podem, entretanto, merecer do primor e da arte do trabalho, rivalisar com as primeiras em magnificência.

Elegante



Entretanto, convem acentuar que nem todas as peles, e todos os generos de bordados, são admitidos como elementos do *chic*, nos santuarios da alta moda. As peles de pêlo comprido, com excepção do *singe*, que ainda distructa as boas graças da grande caprichosa, e são postas de lado, destronadas pelas peles de pêlo baixo, como os bordados de desenhos vulgares são implacavelmente relegados para o plano das coisas *sediças* e suplantadas pelos que afirmam nitidamente a mais característica nota oriental, quer no desenho, quer na combinação das cores.



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

BEIJOS SADIOS, por Amelia Vilar

Numa edição *bijou*, de J. Ferreira da Silva, largo dos Loios, Porto, saiu á luz mais um voluminho de versos da sr.^a D. Amelia de Guimarães Vilar. Nos *Beijos sadios* deparam-se nos numerosas demonstrações do merecimento poetico da autora, cujas redondilhas graciosas, perfumadas, despidas de affectação nos cantam as coisas simples e belas do mundo bucolico e das almas que nele respiram. Ha uma ou outra rima forçada ou errada? Mas ha, simultaneamente, verdadeiras formosuras na *Vindima de versos*, na *Balada da Cantarinha*, nas *Chinelinhas do Minho*, na *Canção do trigo*, etc. Se a sr.^a D. Amelia Vilar joeirasse ainda com maior cuidado as suas estrofes, atentando rigorosamente na necessidade da perfeição da forma e preocupando-se talvez menos com a quantidade, a sua arte ganharia muito, pois não lhe falta inspiração nem delicadeza na escolha dos temas.

CREPUSCULOS, por D. Alberto Bramão

O autor de *Crepusculos* tem um nome feito e consagrado desde muito. As *Ilusões perdidas* crearam-lhe ou, para melhor dizer, confirmaram-lhe a reputação de metrificador elegantissimo e, ao mesmo tempo, inspirado e concetuosos. D. Alberto Bramão, no volume que temos presente, patenteia as suas qualidades poeticas tão donarozas e tão brilhantes como quando, ha perto de trinta annos, logrou fixar as atenções da critica que para ele não foi avara de aplausos. Numa *advertencia*, o illustre poeta explica as razões porque, mais uma vez, se deifronta com o publico leitor, ou antes porque continua a cultivar a poesia. Falando do «terreno sagrado» em que se erguem as «edificações da Arte», D. Alberto Bramão tem esta confidencia para com os seus leitores:

«Ali encontro ao meu serviço, com submissão absoluta aos meus caprichos, todos os versos simples ou enfaticos, humildes ou ricos de sonoridade, brancos e desmaiados como rapariga clorotica ou coloridos e fulgentes como um rajah da India, desde o alexandrino á redondilha, assim como todas as formas ditirambicas, elegiacas, madrigalescas; e todos esses versos, a que dou a expressão que apraz á minha fantasia, ora os transformo na aza que me leva em excursão pelo infinito do lirismo, ora lhes visto a negra beca de juizes, obrigando-os a proferir sentenças que eles aprenderam na experiencia e nas meditações filosoficas sobre a vida.»

As palavras que reproduzimos são como que uma auto-critica. D. Alberto Bramão é um poeta da velha escola, quanto á essencia e quanto á forma dos seus versos. Não transigiu com inovações, com modernismos, com estravagancias mais ou menos talentosas. Manteve-se fiel a preceitos de arte e de honestidade sempre merecedores da nossa admiração e do nosso culto. Ha nas paginas de *Crepusculos* superiores belezas, merecendo especial referencia as composições

A. S. (ROCIO D'ABRANTES) — A sua longa carta não nos move, nem nos comove. Estamos fartos dessas pretensões a rebeldias, irreverencias, futurismos, nefelibatismos, etc. Tudo poeirada que nem já consegue epater le bourgeois. Foi tempo.

Está o senhor no seu direito de ver-sejar como quiser, ou pensar que ver-seja, assim como nós no de apenas publicarmos aqueles versos que entendamos que são versos.

Quanto a esquecer os conselhos de Castilho e fazer poesia d'ouvido, como o senhor diz, lembra-nos o musico da zarzuela, que tambem tocava de ouvido e... era surdo.

E' seguramente o que lhe succede para, na nova remessa, nos presentear com estes dois versos:

Da mistica aneddotica e melancolia

As mãos largaram as pedras em seguida...

que só serão decassilabos para o tal musico da zarzuela...

C. V. (LEIRIA) — A' tua guarda, é passavel; o Doce sonho, não. Publicaremos o primeiro, para o aninar, o que quer dizer que algu' jeito lhe encontraremos.

CARDO — Muito bom. Pode mandar.

LIS (PORTO) — Não chega a ser versos, aquilo que nos manda, quanto mais soneto. Valha-o Deus e a nós...

BEBÉ — Aqui vai a receita do Plum Pudding. Espero que o coma com alegria. Pica-se 1 kilo de gortura de rim de vaca, sem pelo nem nervos; deita-se numa terrina e juntam-se 750 gramas d' farinha, 750 gramas de passas de Corintha, ás quaes se tiram as granitas; a casca de um limão picada mudamente, cidrão coberto e cortado em bocadinhos quadrados, um pouco da sal fino, assucar em pó, oito ovos inteiros, dois copos pequenos de aguardente e um bom copo de vinho da Madella. Mistura-se tudo bem, ficando uma massa um pouco liquida. Faz-se ferver agua numa vasilha, põe-se num passador um pano untado com manteiga e farinha, deita-se nele a mistura, juntam-se e atam-se as pontas do pano e mete-se na agua a ferver. Não se deve deixar parar a fervura e o pudim deve estar sempre a boiar.

Deixa-se coser por espaço de cinco a seis horas, pollando-o de hora a hora.

Estando cosido, retira-se da vasilha, escorre-se, tira-se do pano, coloca-se num prato côvo e serve-se quente, cortado ás fatias e com o seguinte molho, ao qual se deita fogo:

Põem-se numa caçarota 125 gramas de manteiga, uma pitada de farinha, uma casca de limão e casca de cidrão picadas, uma pitada de sal, duas colheres de assucar em pó, deita-se-lhe um copo de vinho da Madeira, mexe-se e, passados alguns minutos, tira-se do lume.—D.

de caracter madrigalesco e aquelas que tocou a asa scintilante e leve da ironia.

AS ROSAS DO MENINO JESUS,

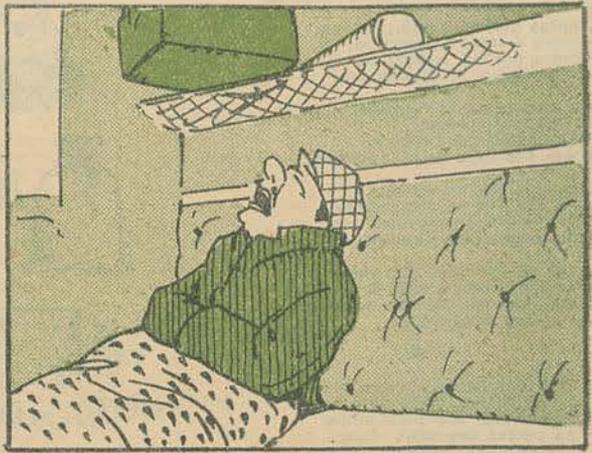
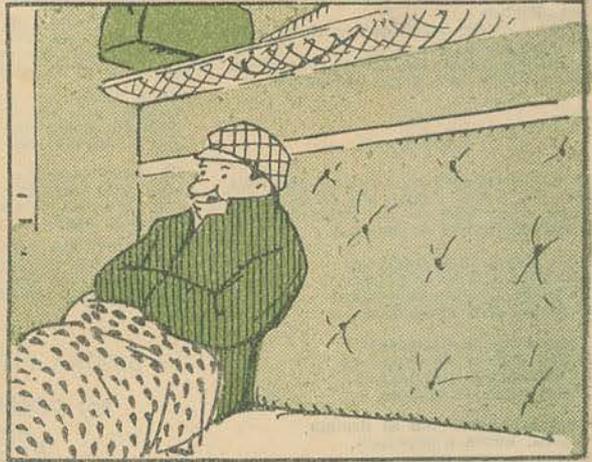
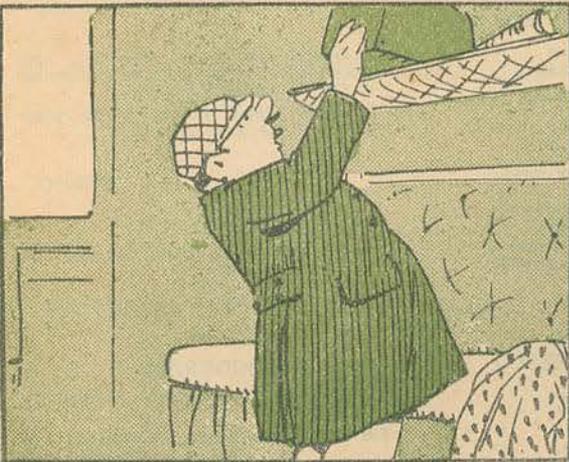
por D. Maria Mousinho de Albuquerque

Com illustrações de Mily Possoz, deu á estampa a Lusitania Editora, da Rua do Arco do Limoeiro, um conto do Natal intitulado *As Rosas do Menino Jesus* e devido á pena da sr.^a D. Maria Benedita Mousinho de Albuquerque Pinho. Obedecendo a um nobre pensamento moral e educativo, a illustre autora imaginou uma linda historia, impregnada do espirito de caridade, e que pode e deve colocar-se nas mãos de todas as crianças. A edição é muito atraente e suggestivos os desenhos da distinctissima artista que a illustrou.

A. de A.

PAGINA INFANTIL

DESPERTADOR... INESPERADO!



ESFINGIA



CHARADAS EM VERSO

(Ao Dr. Pirlau)

Certo coronel, já gasto,—2
Reformou-se em general;
Agora leva injeções—1
D'uma vis'ra d'animal.

Porto

Dr. Essejê

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigma:—Undiflavo.
Charadas em verso:—Dominó—Garabulha—Realza

Enigma pitoresco:—Um ditoso Natal e feliz Ano Novo.

Logogrifo:—Natal, Ano Novo—Verso bem cristão d'um luso vato desgraçado.

ENIGMAS

(Em agradecimento ao illustre confrade «Do 16», e com visões aos distintos colegas «Dr. Essejê» e «Francinmas»,—Amor com amor se paga—).

Aqui tendes um enigma,
Que é bem facil de matar,
Basta apenas ter vontade
E tempo p'ra trabalhar

Trezo letras o compõem,
Sendo apenas seis vogaes,
As outras são consoantes,
Todas estas deseguaes.

Quarta e nona com a decima,
Oitava, tercia e segunda,
Dão um nome feminino,
Que é bem lindo e pouco abunda.

Juntas quinta, sexta, setima,
Oitava e mais a terceira,
Com a decima, achareis,
Outra dama, sem canceira.

Se após decima-primera,
A seguinte colocar,
Vé pancada na cabeça,
(Deus nos livre de a apanhar).

Prima e decima-segunda,
Co'a do fim seguidamente,
São de temperos sinonimos,
Que se encontra facilmente.

Para acabar lhes diremos
Que o conceito é engraçado,
Nome que em tempos se dava
Ao antigo magistrado.

Dois versos

Tem seis letras o meu todo
Todas, todas, desiguais,
Tres d'ellas são consoantes
As outras tres são vogais.

Prima, segunda e terceira,
Com mais quarta p'ra findar,
E' o que faz toda a gente,
Quando na meza a jantar.

A terceira, quarta e quinta,
Com sexta p'ra terminar,
Procura-a o corredor
A todo o custo alcançar.

Com o total bom coleca
Certamente já tu deste,
Mas von dizer-te onde está,
—'Stá n'aboboda celeste—.

Baal, do Sphing's Club

(Com 10 letras)

Resolve, quem da primeira
A' setima, as ponha a este;
E da quinta á derradeira,
Ehe junte parte,—a terceira—
Para achar o seu conceito.

Zepêdro

Dizem, Felistens matou
O forte herculino Sansão,
Co'uma queixada de burro
Em acesa discussão.

Não me consta que por isso,
Ele fôsse condemnado,
A passar pela tortura—2
Ou na pyra ser queimado.

Muito antes, p'lo contrario,
Recebeu pelo seu feito,
Um collar d'este minerio—2
Que o collocou sobre o peito.

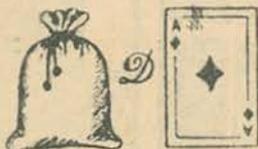
Ha quem diga, não ser certa,
Esta bela narração,
Pois de burra, era a queixada,
Será isto assim, ou não?...

Como quer que o caso fosse,
O que é certo e bem corrente,
E' que o facto deu motivo,
A discussão renitente.

Catita.

ENIGMA PITORESCO

ROS CAMPIÕES...



PRIMA, DO SPHING'S CLUB

QUADRO DE HONRA

Romeu & Julietta—Ocrema—
Dr. Essejê—Pan—Zarita—
Violeta—Dols liricos—Cavalheiro X—C. Sillêl—Dama Oculta—Gira Giraão—N. M. Ferreira & Fons ca Junior—Club do Silêncio—Capitão Silva—Do 16—Tia Aida—Os tres Costas—Dr. Pirlau—Asnos—Serip—Marto Lino—Serrot—Plinta scenas—V. S. T.—Dr. Espinafre.

Campeões decifradores do penultimo numero

CHARADAS EM FRASE

Por cima do maximo há quem tenha este agasalho—2-2.

Rinholas

(Ao amavel charadista «Sor-Var», em retribuição la sua charada publicada no n.º 928 da «Ilustração»).

Do abuso que a mulher faz da cocaina, vem a sua loucura—2-2.

Monsão

Majogori

(Ao illustre «Sor-Var»)
Não tenho creença n'um homem de olhos de gato—1-2.

Amon-Rã do «Sphing's Club»

LOGOGRIFO

(Ao illustre Director e mais colegas da «Esfingia»)

Em tempos que lá vão, a cortezia—11-22
—8-10-13-25

Era culto obrigado em toda a gente—16—
29-12-23-0-14-28

Impunha-se respeito, e qualquer ente,—2
—22-13

Cumpria o seu dever com galhardia.—17
—1-23-13-16-32-31.

No gesto, na palavra, em tudo havia—
12-24-5-20-10-14-25

O cuidado de ser-se reverente,—9-13-22
—3-18-16

O povo, no seu trato, era decente—15-19
21-28-6-30-4

Buscando demonstrar galanteria.—11-14
—15-19

Muito se tem mudado desde então!—12—
1-14-5

Hoje é moda o fazer de materialdo,—21—
16-2-9-25-13-17-31-21-7

Escarrar, falar grosso e em caldo!—23—
25-13-9-24

Vamos lá com os usos do passado—26-22
—9-10

Mandar a todos vós este cartão—7-13-3
31-18-1

Envolto em logogrifo dedicado,—4-27-23
—13-30-31-21-21.

Sor-Var

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.